

Venture cliente: transformar startups em parceiras de negócio das grandes empresas

Com queda de 46% nas rodadas de venture capital em 2024, companhias buscam novas formas de inovar por meio da aplicação direta de soluções desenvolvidas por startups

De acordo com o último relatório da Associação Brasileira de Private Equity e Venture Capital (ABVCAP) em parceria com a TTR Data, as operações de venture capital no Brasil apresentaram recuperação em 2024, encerrando o ano com R\$ 9 bilhões investidos, um aumento de 17% em relação a 2023. Porém, apesar do avanço no volume financeiro, o número de rodadas registrou queda expressiva de 46%, passando de 228 para 123 no período.

Tendo em vista esse cenário, que revela maior seletividade e maturidade por parte dos investidores, a Innoscience, consultoria especializada em gestão da inovação, chama a atenção para o crescimento do modelo venture client, que trata-se da abordagem estratégica em que uma grande empresa atua como cliente inicial de startup, adquirindo produtos ou serviços durante seus estágios iniciais de desenvolvimento. O tema, que é mais conhecido fora do Brasil, é assunto central do



livro “Simbiose Corporativa”, assinado pelos fundadores da Innoscience, e é utilizado pela companhia em seu modelo de negócio.

"Grandes empresas não precisam investir em startups para ter acesso a novas tecnologias. Ao contratá-las como parceiras estratégicas, as grandes empresas conseguem resolver problemas reais, acelerar resultados e contribuir para a evolução dos negócios inovadores. Ao mesmo tempo, há menor exposição ao risco, o que acontece quan-

do essas companhias estão no papel de investidor", explica Maximiliano Carломagno, sócio-fundador da Innoscience.

Na prática, o venture client permite que empresas dos mais diversos setores, mesmo os mais tradicionais, integrem soluções inovadoras sem a complexidade de um investimento formal ou das estruturas robustas exigidas por fundos de corporate venture capital. “No lado da startup, essa é uma forma efetiva de acesso a capital e clientes, assim como uma

alternativa para desenvolver seus produtos em situações de alta exigência”, reforça o especialista.

Ao longo de sua trajetória, a Innoscience já atendeu mais de 400 organizações em quase 20 anos de atuação — como Ambev, Nestlé, Panvel e SLC Agrícola — a construir programas de inovação baseados em parcerias estratégicas com o ecossistema. Com uma abordagem pragmática, a consultoria busca transformar a relação com startups em uma fonte concreta de vantagem competitiva. “Nosso papel na Innoscience é ajudar as organizações a estruturarem esse modelo, com clareza de objetivos, governança adequada e suporte na execução para entrega real de valor. Num cenário em que o investimento está mais escasso, o que vai diferenciar as empresas inovadoras será a capacidade de fazer as conexões certas e extrair valor dessas parcerias”, conclui Carломagno.

Como o empreendedorismo está moldando novas formas de emprego

Ewerson Steigleder (*)

Nos últimos anos, as rápidas transformações tecnológicas e sociais têm redefinido o conceito de trabalho. O futuro do emprego está cada vez mais interligado ao empreendedorismo, que surge como uma força motriz na criação de novas oportunidades e na remodelação do mercado de trabalho.

Para explorar melhor o tema, abaixo listo cinco pontos importantes dessa mudança. Confira:

1. Ascensão do empreendedorismo

O empreendedorismo não é uma novidade, mas a maneira como ele tem se manifestado nos últimos anos tem evoluído de forma significativa. O aumento do acesso à tecnologia e à informação tem permitido que indivíduos transformem ideias em negócios com mais facilidade. Plataformas digitais, como redes sociais e marketplaces, proporcionam um espaço para que pequenos empreendedores atinjam um público amplo e bem direcionado, promovendo seus produtos e serviços de maneira eficiente e com baixo custo.

2. Novas modalidades de trabalho

Uma das principais consequências do crescimento do empreendedorismo é o surgimento de novas modalidades de trabalho. O modelo tradicional de emprego, com um horário fixo em uma única empresa, está sendo substituído por estruturas mais flexíveis. Profissionais autônomos e o trabalho por projeto tornaram-se comuns, permitindo mais flexibilidade de horários e locais de trabalho, aumentando a autonomia e, consequentemente, a satisfação. Além disso, muitas pessoas optam por se tornarem empreendedores individuais, explorando seus talentos e paixões em negócios próprios.

3. Cultura da inovação

O empreendedorismo também está intrinsecamente ligado à cultura da inovação. À medida que mais pessoas se aventuram a criar suas próprias startups ou pequenos negócios, a criatividade e a experimentação se tornam

essenciais. Essa nova mentalidade encoraja a solução de problemas de maneiras inovadoras, promovendo um ambiente em que novas ideias podem prosperar rapidamente. As empresas estão cada vez mais buscando colaboradores que tenham um espírito empreendedor, capazes de trazer essa mentalidade inovadora para dentro de suas organizações.

4. Desafios e oportunidades

Embora o futuro do trabalho, moldado pelo empreendedorismo, traga inúmeras oportunidades, também apresenta desafios. A incerteza econômica e a concorrência crescente exigem que empreendedores se adaptem rapidamente às mudanças do mercado. Além disso, a segurança social e os benefícios trabalhistas, que eram características do emprego tradicional, estão em discussão. A criação de políticas públicas que apoiem esses novos formatos de trabalho se torna crucial para garantir a proteção dos trabalhadores.

5. O papel da educação

Para que o futuro do trabalho seja promissor, é fundamental que a educação e a formação profissional acompanhem essas mudanças. Investir em habilidades empreendedoras, como resolução de problemas, criatividade e adaptabilidade, é essencial. As instituições de ensino precisam se adaptar para preparar os alunos para um mercado de trabalho em constante evolução, que valorize a inovação e o espírito empreendedor.

Em resumo, o futuro do trabalho oferece novas formas de emprego e uma maior flexibilidade. À medida que avançamos, é essencial que tanto os indivíduos quanto as organizações se adaptem a essa nova realidade, aproveitando as oportunidades que surgem, enfrentando os desafios com uma mentalidade inovadora. Dessa forma, poderemos construir um ambiente de trabalho mais dinâmico e inclusivo, no qual todos possam prosperar.

(*) Especialista em Gestão e Empreendedorismo.

Como o governo pode qualificar a biometria nos serviços públicos

Mario Cesar Santos (*)

A suspeita da Polícia Federal de que 3 mil contas do gov.br foram alvo de fraudes na biometria coloca em pauta uma questão importante: ao mesmo tempo em que a tecnologia reduz drasticamente as fraudes e apresenta resultados positivos no setor privado, particularmente nos serviços financeiros, como garantir a qualidade da segurança biométrica no setor público?

Para responder a esta pergunta, devemos olhar os números de duas recentes pesquisas sobre o uso, confiança e privacidade na biometria:

O Identity Theft Resource Center (ITRC) entrevistou 1.177 pessoas nos EUA e descobriu que 69% dos entrevistados temem que seus dados biométricos possam ser comprometidos por pessoas de dentro da empresa fornecedora do serviço, enquanto 60% teme que os dados possam ser reutilizados para atividades não relacionadas à verificação de sua biometria.

Outro estudo, agora da Aware, aponta as preocupações com a privacidade e uso indevido dos dados biométricos dos consumidores. Do total de 1 mil consumidores entrevistados nos EUA, 50% se autentica com biometria diariamente; a outra metade utiliza este recurso frequentemente ou sempre; com a esmagadora maioria (75%) apontando a biometria como sendo mais segura que as senhas tradicionais; e 40% manifestando forte preocupação com o possível uso indevido e violação dos seus dados biométricos.

A fragilidade da autenticação biométrica detectada no caso revelado pela PF e pelo fato do INSS ter autorizado que associações de aposentados pudessem, elas mesmas, validar a biometria para acessar os dados dos pensionistas, mostra que é necessário adotar políticas de segurança biométrica mais eficazes.

Qualificando o processo de acesso biométrico

Antes, é necessário levar em conta que o Brasil é um país continental e diverso, com etnias distintas e uma população de



idosos com limitações consideráveis para manusear dispositivos móveis ou computadores para acessar serviços digitais - uma novidade para boa parte desta parcela da população.

O próprio serviço gov.br do governo federal brasileiro é recente, lançado oficialmente em 31 de julho de 2019 para unificar os diversos canais digitais do governo em uma única plataforma, inclusive para os pensionistas, alvo das mais recentes denúncias de fraudes no sistema Meu INSS.

Outro fator que deve ser levado em conta é que o acesso biométrico deve ser amigável e confortável para o cidadão de todas as idades e origens. Uma pessoa pode se sentir mais confortável com a modalidade de acesso e muito desconfortável com outra.

Por esta razão, oferecer opções e a combinação entre autenticação biométrica multifatorial - facial, digital e voz - com a autenticação multifator (MFA), unindo-a com outro fator, como a senha forte, token via app e autenticação por e-mail/SMS). Isso pode ajudar a fortalecer a segurança e reduzir o risco de falsificação, mas o desafio é facilitar a vida do cidadão com segurança.

Uma verificação cruzada com bases oficiais também deve ser considerada: os órgãos públicos devem integrar seus sistemas e comparar a biometria com

bases existentes no TSE, DENATRAN e outros cadastros confiáveis.

Outras ações importantes

É necessário fortalecer a detecção de prova de vida para verificar se a biometria que está sendo utilizada é de uma pessoa viva e presente, impedindo o uso de deepfakes, fotos, vídeos ou máscaras. A prova de vida via liveness passivo é a melhor opção neste caso, porque não exige do usuário ações adicionais, como piscar os olhos, virar o rosto, etc. Não é difícil imaginar as dificuldades que os beneficiários do INSS terão com esta complicação toda. Além disso, o liveness passivo não dá pistas sobre a “mecânica” do processo e não dá dicas ao fraudador de como burlá-lo.

A acurácia no reconhecimento biométrico de raças e etnias

A tecnologia biométrica a ser utilizada deve ser imparcial e garantir uma precisão superior a 99% na verificação de pessoas de todas as raças e etnias - sem viés de preconceito. O Brasil é muito diverso e exige esse cuidado dos responsáveis pela escolha desta tecnologia.

Inteligência Artificial e Machine Learning: os modelos atualizados de Inteligência Artificial devem ser aplicados regularmente para analisar padrões de comportamento e identificar atividades suspeitas, garantindo aprendizado contínuo para reconhecer padrões de fraude biométrica.

Educação e comunicação com o cidadão

O conhecimento é fundamental para que o cidadão possa usar corretamente os serviços digitais, com segurança e sabendo identificar rapidamente as artimanhas das tentativas de fraudes. Quanto mais cientes dos riscos existentes, sabendo lidar com eles, mais protegida estará a população no mundo digital. Para isso, o poder público deve investir em campanhas maciças de conscientização sobre os riscos da vida digital, incluindo saber identificar os golpes de engenharia social (que manipulam o usuário para fornecer seus dados ou biometria), phishing e o uso de senhas fracas.

(*) VP Global de Soluções da Aware.



www.netjen.com.br

Para veiculação de seus Balanços, Atas, Editais e Leilões neste jornal, consulte sua agência de confiança, ou ligue para

TEL: 3043-4171